

Carolina Cordeiro Mazzariello n^ousp: 7556181
Disciplina: Leituras de monografias Antropológicas
Professora: Carolina de Camargo Abreu

Fabio Hideki e Rafael Marques: black blocs, manifestante presos ou preso políticos?

Em meio ao *carnaval* ocasionado pelos jogos da copa do mundo, no Brasil, a mídia tendenciosamente tem usado a força das palavras para orientar o debate público. Desde a prisão de Fabio Hideki, estudante de jornalismo da USP e funcionário público da mesma instituição, e de Rafael Marques Lusvarghi, professor de inglês, diversos adjetivos foram usados para qualificá-los e descrevê-los. No entanto, as primeiras manchetes proferidas pelos veículos de comunicação de maior alcance e conseqüentemente maior poder político tacharam-nos de *líderes black bloc*. Estas manchetes não foram preferidas pela mídia ao acaso, mas apoiadas essencialmente pelo poder do Estado e sob a voz do Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, que os anunciou à imprensa como “os primeiros black bloc presos em flagrante na capital”. Que a linguagem escrita e visual da mídia não é - e nunca foi - neutra, isso todos nós sabemos - na verdade, nem todos, e aqui é que mora o perigo - porém, usar essas ferramentas indiscriminadamente não faz parte de nenhum manual de jornalismo sério. Há um código de conduta que os jornalistas deveriam seguir - um código de ética, que prevê que a notícia deve ser transmitida de forma imparcial, ou seja, livre de posicionamentos político-ideológicos. Tais posicionamentos, assim como preveem os manuais de jornalismo, têm lugar certo para publicação, como, por exemplo, as colunas, os artigos de opinião e até mesmo as crônicas, mas não a notícia, simples e pura, que deveria servir de informação, e que deveria até mesmo expor as disputas políticas envolvidas em cada caso, explicitando os diferentes interesses em questão, mas não tomando partido de um dos lados, e produzindo verdades parciais e que servem também somente a uma parcela da população.

No Brasil, o fenômeno dos black blocs ganhou espaço na mídia recentemente após as manifestações de junho de 2013, inicialmente contra o aumento da tarifa de ônibus e que posteriormente se estenderam a inúmeras outras reivindicações, inclusive dando início a série de manifestações contra a copa, que perduram aos dias de hoje. No entanto, esse não é um fenômeno novo, a tática black bloc tem origem na Alemanha Ocidental, na década de 1980, no centro do movimento autonomista, e possui adeptos em todos os países. Foi em Frankfurt que um grupo de militantes autonomistas apareceu com o corpo e o rosto coberto de preto e foi chamado pela imprensa de “Schwarzer Block” – bloco negro em alemão. A

função desses aparatos era a de servir de autodefesa contra os ataques policiais às ocupações e outros espaços autônomos. Depois disso, a tática também foi utilizada e difundida nos Estados Unidos, e utilizada para protestar contra o financiamento de guerrilha em El Salvador por parte dos Estados Unidos. A ação de um black bloc contra a OMC em Seattle, novembro de 1999, fez com o que a tática ficasse conhecida na mídia internacional e, além disso, a partir desse grupo específico outros grupos passaram a atacar símbolos do capitalismo. Isto é, a intenção era atacar de forma simbólica o sistema capitalista. Se a tática é correta ou não ela traz à tona a discussão do porquê de jovens se unirem para atacar o patrimônio de empresas privadas, submetendo-se ao risco da repressão e violência policial ou até mesmo à prisão.

Tratado ultimamente pela mídia brasileira como um movimento, o black bloc não deve ser entendido como um movimento único, mas sim como uma tática de luta política, em que um grupo de manifestantes vestem preto para cobrir o rosto e o corpo com o intuito de não ser identificado. A legalidade dessa tática, seus objetivos e causas só podem ser discutidos local e temporalmente, ou seja, é preciso situá-las historicamente para questionar seus propósitos e seus métodos. Em junho do ano passado, diversos black blocs estiveram presentes nas diferentes manifestações que ocorreram durante o segundo semestre e o desconhecimento sobre essa tática levou a imprensa a uma série de enganos, como, por exemplo, a aproximação dos grupos com movimentos fascistas ou a designação deles simplesmente como “baderneiros em meio a protestos pacíficos e ordeiros”. Olhar atentamente para a história é uma tarefa que deveria ser inerente ao trabalho dos jornalistas, mas nem sempre é como nos mostraram os principais jornais e demais veículos da grande imprensa. O ápice das manifestações passou, entretanto, elas não cessaram e continuam ocorrendo mesmo que com menor número de participantes e com menor regularidade.

No dia 23 de junho, dois manifestantes foram presos durante manifestação, na Avenida Paulista, contra a copa e tachados de black blocs, por parte da Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo. Segundo a fala do secretário de segurança, Fernando Graella, publicada pelo Jornal a Folha de São Paulo, do dia 24 de junho, “Eles foram presos porque estavam incitando as pessoas à prática de crime, organizando atos de violência e por isso foram autuados em flagrante, afirmou o secretário”. Com chamada: “Manifestantes foram presos por associação criminosa, diz secretário”, a matéria da Folha chama a atenção para a divergência na fala do secretário, que usa primeiro o termo associação criminosa - incorreto porque consiste na reunião de três integrantes ou mais para cometer crimes - e depois afirma que eles foram os primeiros black blocs presos em flagrante, em São Paulo. A

matéria continua com a fala do governador enaltecendo a ação da polícia nas manifestações e com sua suposta argumentação em defesa do patrimônio e da população. Por fim, o jornal apresenta de forma sucinta a alguns argumentos da defesa dos acusados. Ambos afirmam que não são adeptos da tática black bloc e que não portavam explosivos no momento da autuação.

No jornal Estado de São Paulo, do dia 24 de junho, com a chamada “Polícia prende dois black blocs em flagrante, em protesto na Paulista”, a matéria acata o termo black bloc em sua manchete e durante todo o texto apresenta os fatos partindo da prisão dos acusados, como resposta do governo em relação ao acontecido e com base no cumprimento da lei. O tom transmitido pela notícia soa como se não houvesse postura mais correta a seguir do que o cumprimento da lei, ou seja, a prisão dos black blocs entendidos como uma ameaça ao patrimônio público e privado. Frases como, por exemplo, “O governo Geraldo Alckmin (PSDB) fechou o cerco também contra o Movimento Passe Livre (MPL) e informou que vai convocar seus membros para depor, mesmo que à força”, compõe a matéria numa clara demonstração de afinidade com a postura do governo do estado. A matéria oferece ainda menos espaço do que o destinado pela Folha de São Paulo à defesa dos manifestantes e a única frase nesse sentido é: “Os advogados dos detidos negam que eles sejam adeptos da tática Black Bloc e contestam as acusações”. Além disso, o Movimento Passe Livre (MPL) – movimento que deu início às manifestações do ano passado contra o aumento das tarifas – afirmou que não irá se apresentar para depor e que não possuem qualquer ligação com os black blocs “Conversamos com qualquer manifestante nas ruas, estejam eles com rosto coberto ou não”, disse Matheus Preis, de 21 anos, porta-voz do MPL. “Com os black blocs, não existe articulação formalizada ou contato formal, mesmo porque eles não são um grupo organizado.”

Outro grande veículo de comunicação a comentar categoricamente o assunto foi a Revista Veja, que logo após o acontecido trouxe duas matérias com as seguintes chamadas: “Polícia prende 2 black blocks por associação criminosa” e “Black Bloc preso é transferido para a CDP de Tremembé (SP)”. Ambas as matérias defendem claramente a ação do governo do estado, ou seja, a prisão e, por conseguinte, a violência contra os manifestantes. A *Veja* é um caso excepcional porque além das matérias “informativas” há colunas tratando do assunto de forma totalmente descuidada, como, por exemplo, a coluna do jornalista Reinaldo Azevedo, conhecido por sua postura política conservadora e claramente contrária ao governo do PT. O início de uma de suas colunas apresentada a seguir é capaz de indicar o tom de seu posicionamento:

Ele padece de uma grave doença, que tem, sim, cura, mas dá trabalho: chama-se ignorância. Que idade terá? Vinte cinco? Perto de 30? O que sabe ele sobre ditadura? Absolutamente nada! A prova de que o país, definitivamente, não é o que ele diz ser é poder exhibir esse cartaz, isso só para começo de conversa. Mas vá lá: poderíamos ter um regime autoritário que permitisse manifestações, como aconteceu na fase final do regime militar, no governo Figueiredo. Mas nem isso. A única ditadura realmente existente no Brasil hoje é a de minorias de bocós extremistas. Grupelhos, de 50, 100, 200 pessoas têm hoje a ambição de parar uma cidade.

Sua fala preconceituosa e sem fundamento é sobre o rapaz da foto que ilustra a coluna, ele carrega um cartaz que diz: *não à ditadura*. Obviamente o rapaz sabe que não vivemos em uma ditadura de fato, nos moldes tradicionais aos quais bem sabemos como é. E que ele usa a frase de forma metafórica para protestar em relação ao cerceamento dos direitos civis dos manifestantes ou de qualquer outro cidadão. Porém, despreocupado com qualquer postura ética, o jornalista faz de tudo para desqualificar os manifestantes e enaltecer a ação do Estado, especificamente da Secretaria de Segurança do Governo do Estado de São Paulo.

Em contrapartida, a mídia alternativa tem se manifestado a favor dos dois manifestantes presos ao lado de intelectuais de esquerda e do padre Julio Lancelotti. O site *Viomundo* publicou uma carta assinada por professores da USP e outras faculdades em defesa de Hideki. Na carta os professores afirmam que Hideki é pacífico e solidário, um manifestante em prol de diferentes causas. Discursando sobre a imprensa, o texto começa dessa maneira: “Depois de junho de 2013 uma onda de protestos incomoda os porta-vozes das classes endinheiradas na imprensa. Desde a invocação do direito de ir e vir em São Paulo (sic) até a aceitação do protesto (desde que sem vandalismo!), a grande imprensa elenca vários argumentos contra as liberdades democráticas dos manifestantes”. Além da defesa de Fabio Hideki, os intelectuais estão denunciando a postura imparcial e pouco cuidadosa da imprensa. No blog GGN, do jornalista Luis Nassif há um vídeo testemunho do Padre Lancelotti, que estava com Hideki no momento da prisão, em que se destacam as seguintes frases: "Claramente uma prisão política" (...) "Não foi encontrado nada dentro da mochila dele e não apareceu, em nenhum momento, nem rudimentar, nem sofisticado, nenhum explosivo" (...) "Dizer que ele estava com explosivos, que ele é de milícia armada, que ele é liderança de grupo de determinada tática é delírio". Isto é, se a grande imprensa afirma que Hideki é black bloc e foi preso portando explosivos e a mídia alternativa, além de uma

testemunha e da defesa dos acusados, afirmam o contrário, há duas versões para uma mesma história. No entanto, duas versões com pesos medidas distintas.

A maioria da população não conhece Hideki, tem pouca informação sobre os black blocs e, por isso, “acredita” ou aceita aquilo que é veiculado pelos grandes meios de comunicação, isto é, aqueles que acredita-se que são confiáveis. Uma pequena minoria lê outras fontes de informação, além dos grandes veículos, e uma pequena minoria se interessa em confrontar versões para os fatos, a maioria se contenta com a verdade que é transmitida pelo veículo de informação que costuma consultar ou ainda acaba concordando com boatos, com as histórias contadas boca a boca, isto é, com o senso comum. E isso significa dizer que aos olhos da massa tanto Fabio Hideki como Rafael Marques são black blocs e que foram presos por que o Estado deve cumprir seu papel de defensor do patrimônio público e privado. Não há o que questionar nessa versão divulgada pela imprensa, não é mesmo? Quem comete atos de infração deve ser punido. No entanto, parece haver um lado da história que ganha pouco espaço por parte dos grandes veículos de imprensa, o dos acusados. E que sites alternativos como o Brasil Post buscam mostrar. Em matéria intitulada: “Fábio Hideki Harano: prisão de ativista pacífico e denúncia de provas forjadas mobilizam redes”, o site traz a fala do professor da USP Pablo Ortellado, “que acompanha o caso do colega da instituição, (e) opina que a prisão em flagrante foi falsa. ‘O flagrante foi absolutamente forjado; por sorte, a revista do Hideki foi filmada e há testemunhas’, afirmou ao Brasil Post.”. Além disso, o Brasil Post também traz trechos da carta de Hideki enviada da prisão, segue o trecho da matéria em que Hideki afirma estar com a “consciência completamente limpa” por não ter portado explosivos. Afirma que não tinha o que esconder. “Participar de manifestações com itens de proteção individual, como capacete, roupa grossa, vinagre e máscara de gás nem de longe é crime”, escreveu. “Aliás, além de manifestantes e repórteres, tais itens também são usados por policiais.” A mesma matéria também aponta para uma possível investigação para as denúncias de provas forjadas alertada pela ONG Human Rights Watch. Além disso, traz a fala do advogado Pedro Abramovay, blogueiro do Brasil Post que diz que “A prisão de Fábio, enquanto não for completamente esclarecida, afeta toda a democracia brasileira” (...) “Se governantes, com medo de manifestações violentas, podem prender cidadãos que não cometeram crimes para dar uma resposta política, o Brasil deixa de ser um Estado de direito.”.

É compreensível, mas não aceitável, que esse tipo de discussão não esteja sendo feita pelos grandes veículos de imprensa, que a todo custo se esforçam para colocar de um lado, os

bandidos, e de outro, os mocinhos. Nesse caso, de um lado os manifestantes e de outro o governo. Há questões ideológicas e interesses distintos em jogo, é briga pelo poder, afinal estamos em ano de eleição. Nada do que é publicado é feito antes que se pese sua repercussão política, vale pensar no clichê da imprensa como o quarto poder. Nessa pequena análise sobre o noticiário a respeito do caso da prisão dos dois manifestantes, Fabio e Rafael, o jornal Estado de São Paulo e a revista Veja mostraram-se muito mais claramente aliados à postura do governo Alckmin, isto é, trazem nas matérias a mensagem de que prender os manifestantes é a postura correta enaltecendo o governo, além de não oferecerem espaço para expor a defesa dos acusados. A Folha de São Paulo nessas duas semanas que decorrem do acontecido mostrou-se pouco mais ponderada abrindo, mesmo que pequeno, um espaço para os argumentos de defesa dos manifestantes. Outros veículos de imprensa com menor alcance e talvez menos comprometidos com o poder, como, por exemplo, o site Viomundo, o BrasilPost e o GGN, só para citar os que foram apresentados aqui, buscam ouvir de modo mais atento todas as versões do fato.

Parece-nos, de todo o modo, que persiste o desconhecimento em relação à tática black bloc e que os manifestantes presos podem ser meros bodes expiatórios para espantar a ação dos black blocs, principalmente durante os jogos da copa. É estranho que durante esse tempo todo, um ano passado das primeiras ações dos black blocs, nenhum black bloc tenha sido preso em flagrante em São Paulo. E que somente agora em meio à copa do mundo, com a imprensa internacional mais próxima do que de costume, ocorram prisões de black blocs em flagrante. E o que é o pior, é que esses tais black blocs não se declaram black blocs e afirmam que as provas contra eles foram forjadas. Há um desencontro de informações ou realmente a uma ação orquestrada pelo Estado e reconhecida pela imprensa e que deve ser analisada com cuidado, pois coloca em questão os direitos civis e políticos garantidos aos cidadãos em um estado democrático de direito. É possível que a segunda opção seja a mais plausível, e que os nossos direitos não estejam realmente garantidos, isso porque o Estado por meio da palavra, por meio da lei, consegue exercer a violência contra os cidadãos e virar o jogo ao seu favor sempre que necessário. Voltando a questão inicial, apesar das declarações da grande imprensa e do próprio secretário do estado, Fabio Hideki e Rafael Marques não são black blocs, eles são manifestantes presos que estão servindo de exemplo à sociedade. Por meio da prisão deles, o governo mostra sua força e os limites aos quais os cidadãos estão submetidos, mostra que nem sempre o que é permitido é permitido, e que há limites para tudo dependendo de quem se pretende atacar. Mostra que a máxima “a corda arrebenta do lado mais fraco”

infelizmente na maioria das vezes é verdadeira. Mas... Enquanto isso a maioria de nós se emociona com o hino nacional cantado *à capela* antes dos jogos do Brasil na copa. Imagina nas olimpíadas...

- 1- Um relato em alemão sobre o surgimento dos black blocs pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://www.trend.infopartisan.net/trd0605/t370605.html>.
- 2- Fontes sobre a história dos black blocs nos Estados Unidos: “The Black Bloc Papers”, editado por David Van Deusen e Xavier Massot e disponível para download em <http://www.infoshop.org/amp/bgp/BlackBlockPapers2.pdf>.

Referências Bibliográficas

Professores da USP denunciam flagrante policial forjado.
<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>

Fábio Hideki Harano: prisão de ativista pacífico e denúncia de provas forjadas mobilizam redes. http://www.brasilpost.com.br/2014/07/02/fabio-hideki-harano_n_5553148.html

Polícia prende dois black blocs em flagrante em protesto na Paulista.
<http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/pol%c3%adcia-prende-dois-black-blocs-em-flagrante-em-protesto-na-paulista>

Padre Lancelotti fala sobre a prisão de Fabio Harano.
<http://jornalggn.com.br/noticia/padre-lancelotti-fala-sobre-a-prisao-de-fabio-hideki>

Manifestantes foram presos por associação criminosa, diz secretário.
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1475426-manifestantes-presos-pertencem-a-organizacao-criminosa-diz-secretario.shtml>